

III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología  
XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en  
Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos  
Aires, Buenos Aires, 2011.

## **Rompendo o ciclo de violênica doméstica.**

Rosa, Larissa Wolff Da y Falcke, Denise.

Cita:

Rosa, Larissa Wolff Da y Falcke, Denise (2011). *Rompendo o ciclo de violênica doméstica. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-052/245>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRwr/m9z>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# ROMPENDO O CICLO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Rosa, Larissa Wolff Da; Falcke, Denise  
UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Brasil

## RESUMEN

As experiências de abuso na infância, conforme pesquisas nacionais e internacionais, contribuem significativamente para o desajustamento psicológico adulto e tendem a ser transmitidas transgeracionalmente. Com o objetivo de avaliar a possibilidade de rompimento do ciclo da violência através da identificação de fatores de risco e proteção relacionados à transmissão transgeracional, realizou-se um estudo da história de vida de pessoas que sofreram abuso e não o repetem com seus filhos. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa realizada com quatro participantes identificadas em um estudo preliminar como pertencentes ao grupo que sofreu violência e não repete com os filhos. A partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas, os resultados indicam que a existência de modelos de identificação saudáveis na rede de apoio social, a maternagem, o processo terapêutico e as características individuais parecem estar relacionados à resiliência, sendo fatores que podem contribuir para o rompimento do padrão de violência.

### Palabras clave

Violência Família Risco Proteção

## ABSTRACT

**BREAKING OFF THE CYCLE OF DOMESTIC VIOLENCE**  
According to national and international studies, experiences of child abuse contribute significantly for adult psychological disturbs and tend to be transmitted from generation to generation. Having the objective of evaluating the possibility of breaking off the cycle of violence through the identification of factors of risk and of protection related to the transmission from parents to children, it has been performed a study of the life history of individuals who have suffered abuse and do not repeat it with their children. It consists on a research of qualitative nature made with four participants identified in a preliminary study as belonging to the group that has suffered violence and do not repeat it with their children. Through the analyses of contents of the interviews given by participants, results indicate that the existence of healthy identification patterns in the social support net, the mothering, the therapy process and the individual characteristics seem to be related to the resilience, being factors that can contribute for the breaking off of the violence pattern.

### Key words

Violence Family Risk Protection

## 1 INTRODUÇÃO

O aumento da incidência da violência intrafamiliar tem trazido grande preocupação para os profissionais da área da saúde, principalmente porque a gravidade do fenômeno atinge o processo de desenvolvimento dos sujeitos envolvidos, do sistema familiar e da sociedade como um todo (De Antoni; Barone & Koller, 2007). Por se tratar de um fenômeno multicausal e complexo, muitos fatores podem ser associados à presença de violência nas relações familiares, dentre eles a tendência à repetição de experiências vivenciadas na infância (Cecconello; De Antoni; Koller, 2003; De Antoni et al, 2007; Falcke, 2006; Mendlowicz & Figueira, 2007). Entretanto, nem todas as vítimas se tornam abusadores na vida adulta. Tomando como foco esse fenômeno, o presente trabalho propõe-se a investigar a história de vida de pessoas que foram vítimas de abuso na infância e não utilizam a violência na educação de seus filhos. A partir da análise da história de vida, pretende-se identificar possíveis fatores que tenham favorecido o rompimento do ciclo de violência familiar, ou seja, fatores que possam ser considerados tutores de resiliência.

## 2 VIOLÊNCIA NO CONTEXTO FAMILIAR

Atualmente, entende-se a família como sendo um grupo de pessoas ligadas por laços afetivos mais do que pelos critérios de consanguinidade e coabitação que antes a caracterizavam (Wagner, 2002). Tais laços, entretanto, não se caracterizam somente como de carinho e afeto. A violência faz-se presente em muitos grupos familiares, trazendo repercussões na vida de pais e filhos (De Antoni et al, 2007).

São várias as formas de violência na família, tais como abuso físico, emocional, sexual e negligência, e elas constituem fatores de risco para o desenvolvimento posterior do sujeito (Sapienza & Pedromônico, 2005). O fator de risco é uma variável que aumenta a possibilidade de ocorrer no indivíduo algum efeito desagradável quando estiver exposto a ele. Indivíduos que vivenciaram ou testemunharam violência em sua família de origem terão maior probabilidade de repetir este comportamento na idade adulta (Wareham; Boots & Chavez, 2009).

Testemunhar violência doméstica na infância pode predispor a violência física e psicológica na vida adulta (Pournaghash-Tehrani, & Feizabadi, 2009). Este estudo delineou a previsibilidade da ocorrência de determinados tipos de violência (física e psicológica), testemunhando e sendo vítima. De acordo com os autores, a experiência de violência na família de origem é um dos

fortes preditores da ocorrência de violência em relacionamentos adultos, sendo que o padrão pode se repetir ao longo de três gerações.

Considerando esta tendência referida na literatura para a repetição dos padrões aprendidos na família de origem, será que se pode concluir que as vítimas de violência estão condenadas, de forma determinista, a repetir os padrões aprendidos? Há possibilidades de rompimento do ciclo? Embora a violência seja um fenômeno complexo que atinge o desenvolvimento sadio dos sujeitos, há pessoas que se desenvolvem bem mesmo vivendo em ambientes de risco. Elas conseguem amenizar os efeitos negativos e produzem saúde (Silva et al, 2009). Através dessas pessoas, percebe-se a possibilidade de rompimento do ciclo de violência familiar.

Alguns fatores que contribuem para o rompimento da violência em famílias que tiveram os pais com índices de maus-tratos na infância foram observados por Cecconello et al (2003). São eles: manutenção de um relacionamento amoroso estável; participação em psicoterapia ou participação em grupos de autoajuda e rede de apoio social bem estabelecida. Segundo as autoras, a rede de apoio social, a coesão familiar e a resiliência infantil podem ser fatores contribuintes para o rompimento do ciclo de violência em uma família. A resiliência é entendida como uma capacidade de pessoas ou de uma família de romper com a violência estabelecida e superar a situação.

Os fatores de proteção são recursos do indivíduo que possibilitam atenuar ou neutralizar o impacto do risco (Sapienza & Pedromônico, 2005). De acordo com Weber et al (2006), algumas pessoas conseguem romper com o modelo parental aprendido na família de origem. Mães que, em sua infância, sofreram negligência ou violência na família podem se tornar mais responsivas com seus filhos.

O objetivo na presente pesquisa foi compreender em profundidade a história de vida das pessoas que foram vítimas de maus-tratos na infância e não repetem a violência sofrida com seus filhos, buscando identificar fatores de risco e proteção que possam ter favorecido o rompimento do ciclo de violência familiar.

### 3 MÉTODO

#### 3.1 Delineamento

Trata-se de um estudo qualitativo com delineamento exploratório.

#### 3.2 Participantes

Participaram deste estudo quatro mães, com idade entre 23 e 39 anos, residentes na região do Vale do Rio dos Sinos que, em um estudo preliminar, referiram ter sofrido experiências de abuso na infância e que não as repetem com seus filhos. O estudo prévio foi uma pesquisa quantitativa com 153 pais de crianças de 1ª a 5ª série do Ensino Fundamental de nove escolas da região do Vale do Rio dos Sinos, realizada com o objetivo de investigar as experiências de violência na família de origem e na educação dos filhos. O quadro a seguir descreve as características das participantes:

**Tabela 1: Identificação das participantes**

	Bruna	Cláudia	Daniela	Amanda
<b>Idade</b>	39	23	28	29
<b>Situação conjugal</b>	união estável	união estável	união estável	união estável
<b>Escolaridade</b>	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Médio
<b>Número de filhos</b>	4	1	2	2
<b>Idade dos filhos</b>	14, 18, 20 e 23	9	9 e 11	7 e 9
<b>Profissão</b>	babá	dona de casa	dona de casa	manicure

### 3.3 Instrumentos

3.3.1 Entrevista semiestruturada: com cada participante do estudo foi realizada uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de conhecer a história de vida das participantes.

3.3.2 Genograma familiar: durante a entrevista também foi construído um genograma, a fim de se obter mais dados sobre a história familiar dos participantes.

### 3.4 Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

Inicialmente, o projeto foi submetido à aprovação pelo Comitê de Ética da UNISINOS (Parecer nº 08/018). A participação dos sujeitos na pesquisa foi voluntária e autorizada através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Todos os participantes do primeiro estudo que corresponderam aos critérios de inclusão (foram vítimas de maus-tratos e não agem da mesma forma com seus filhos) foram contatados. Após ter sido possível o contato, agendaram-se as entrevistas, que foram gravadas e posteriormente transcritas. Após a realização das entrevistas, o conteúdo obtido passou por uma análise de conteúdo que foi realizada seguindo as etapas descritas por Bardin (1977).

## 4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados a partir de uma estrutura de categorias e subcategorias temáticas elaborada a partir da análise das entrevistas realizadas com as mães. A seguir, será descrita cada categoria através de uma narrativa geral dos temas e de exemplos de falas dos participantes, ilustrativos das temáticas específicas.

### Categoria I: Fatores de Risco

Nesta categoria se examinou, pela fala das participantes, quais foram os fatores de risco que contribuíram para a violência sofrida na infância. Esta categoria está subdividida em três subcategorias: abandono materno, abuso de substâncias e tendência à repetição.

a) Abandono materno: abrange conteúdos relacionados ao que uma das participantes relata sobre o abandono que sofreu de sua mãe. Diz que sofreu muito, não tinha uma relação boa com seu pai, mas teve que ficar morando com ele. Sua irmã caçula foi superprotegida por ser a filha mais nova, e ela sofreu muita negligência e violência do pai nesse período. *“A minha mãe ter ido embora e nos abandonado, né, pra mim é o que me machuca até hoje assim sabe” (Cláudia).*

b) Abuso de substâncias: abrange os conteúdos relacionados ao que uma das participantes relata sobre o

abuso que seus pais faziam do álcool. Relata que tanto o pai quanto a mãe bebiam e nestes momentos se tornavam ainda mais agressivos. Diz que sua mãe parou de fazer uso do álcool há pouco tempo, quando começou a frequentar a igreja.

*“Pra não ver aquela situação dentro de casa. E tu sabe que o álcool faz a pessoa fazer qualquer coisa, né? Meu pai bebia. Os dois bebiam, né? O pai e a mãe bebiam e aí ficavam mais brabos. Depois que ela parou de beber e foi pra Igreja. Minha mãe faz uns cinco anos que ela foi pra Igreja” (Bruna).*

c) **Tendência à repetição:** abrange os conteúdos relacionados ao que uma das participantes relata sobre a tendência à repetição da violência sofrida. Amanda relata que, em alguns momentos, fica muito nervosa e tem vontade de bater e utilizar a violência, mas tenta se controlar utilizando outros recursos que aprendeu para resolver os conflitos. Acredita que esse impulso tenha relação com a violência que sofria do pai em sua infância. *“Sou uma pessoa assim meio explosiva, porque, também, se eu não me controlasse eu seria uma pessoa agressiva, eu fico indignada” (Amanda).*

### **Categoria II: Fatores de Proteção**

Nesta categoria foram examinados os fatores de proteção que possam ter contribuído para que as participantes conseguissem romper com o ciclo de repetição da violência que sofreram na família de origem. Está subdividida em quatro subcategorias: modelos de identificação na rede de apoio, psicoterapia individual, maternagem e características individuais.

a) **Modelos de identificação na rede de apoio:** abrange os conteúdos relacionados ao que as participantes relatam sobre os modelos de identificação saudáveis que tiveram e que contribuíram para a personalidade atual delas e para o rompimento do ciclo da violência. Os modelos que as participantes tiveram ao longo de sua vida, segundo elas, contribuíram para que pudessem dar aos filhos uma educação diferente da que receberam de seus pais.

*“Eu encontrei um apoio muito grande na minha ex-patroa, que eu jamais achava que eu ia conseguir. Ela me ensinou aquilo que os meus pais não me ensinaram. Uma boa educação. Saber tratar o próximo, sabe? Que eu não sabia tratar o próximo, a não ser com palavras duras mesmo, rancor. Hoje não, mudei bastante em função dela, porque ela me mudou, né? Como se diz, eu era um barro cru. Ela me moldou a maneira deles, né? Na educação dos meus filhos hoje, a base é ela pra mim” (Bruna).*

b) **Psicoterapia individual:** abrange os conteúdos relacionados ao que uma das participantes relatou com respeito ao tratamento psicoterápico que fez em função da violência sofrida.

*“Daí através dessa judiaria que sofri na minha infância, um médico disse que em uma delas foi que eu adquiri um câncer, né? E hoje eu faço tratamento pela clínica e pelo hospital, qual é o nome... o hospital em Porto Alegre, o Hospital Conceição em Porto Alegre. E eles falaram que foi pela judiaria. Que tudo que tu guarda pra ti,*

*isso acarreta uma doença mais tarde. E daí veio a... eu tendo isso aí, né? Daí, por isso, os médicos me encaminharam pra um psicólogo, né? A terapia mudou bastante a minha forma de pensar e eu fui perceber que as coisas que vivi não estavam tão erradas, sabe?” (Bruna).*

c) **Maternagem:** refere-se aos conteúdos em relação à gravidez precoce que duas participantes vivenciaram. Elas acreditam que o fato de terem engravidado cedo tenha contribuído para que amadurecessem mais rapidamente e pudessem criar bem seus filhos.

*“Eu trabalhava, tive meu primeiro filho com 15 e tive um aborto com 14 anos, e logo depois engravidei dele, né, de um menino. Me senti realizada, né? Primeiro filho, eu sempre queria. E queria ser o oposto, né, muito oposto do que eu recebi, é sempre assim. A gente sempre quer dar o melhor, dar o que a gente não teve. Apesar de ser nova, já tava acostumada a cuidar das minhas irmãs, então eu já sabia, já tinha aquela responsabilidade, porque eu acho que hoje em dia não é porque é nova que não sabe cuidar né, vai muito da cabeça da pessoa” (Daniela).*

d) **Características pessoais:** abrange os conteúdos relacionados à personalidade das participantes. Elas relatam que sua força de vontade e suas características contribuíram para que pudessem criar seus filhos de maneira diferente, e foi seu desejo de mudança que contribuiu para o rompimento da violência.

***“Assim acho que nunca teve alguém que ajudou, eu sempre quis mostrar pras pessoas que era capaz. Sou muito orgulhosa, sempre quero mostrar pras pessoas que posso e que consigo. Então, fui atrás acertando e errando às vezes, mas eu fui atrás, buscando o que acho que é certo, o que a gente acha que é certo. Dependendo do que os outros vão falar ou deixar de falar, pra mim não importa, vou pelo que eu acho” (Cláudia).***

**5 DISCUSSÃO**  
Na análise dos dados foram identificados fatores de risco que podem contribuir para a exposição à violência na família e fatores de proteção que favorecem o rompimento do ciclo de repetição. Os fatores de risco identificados neste estudo foram: abandono materno, abuso de substâncias e tendência à repetição.

A pesquisa realizada por De Antoni et al (2007) identificou quatro categorias referentes aos indicadores de risco em famílias com histórico de abuso físico parental. Uma categoria apontada são as práticas educativas da família de origem, isto é, práticas disciplinares ineficazes. Em todos os casos analisados neste estudo os pais das participantes utilizavam a violência física como prática educativa na criação dos filhos. Uma segunda categoria apontada pelas autoras diz respeito às patologias, sendo que um fator de risco nesta categoria é o alcoolismo. Neste estudo, identificou-se na fala de uma das participantes o uso abusivo de álcool, tanto da mãe quanto do pai. A terceira categoria indicada pelas autoras refere-se aos comportamentos agressivos no relacionamento familiar atual, que diz respeito à maneira como a família interage. De acordo com as autoras, 40% das famílias alegaram a existência de violência en-

tre as relações familiares e 70% afirmaram vivenciarem violência conjugal. Como no estudo as participantes são pessoas que conseguiram romper com a violência da família de origem, não foi identificada violência nas famílias das participantes deste estudo. Além disso, as autoras identificam uma quarta categoria que diz respeito ao papel familiar, isto é, às formas como são desempenhados os papéis na família, sendo que foram identificados nesta categoria: gravidez na adolescência (como sendo um fator de risco), não-reconhecimento da paternidade, interferência da sogra, sobrecarga de papéis e adolescência dos filhos. Em relação a essa categoria, no estudo há dois casos nos quais foi identificada a ocorrência de gravidez na adolescência; no entanto, diferentemente do estudo apresentado pelas autoras, identificou-se a possibilidade de, nesses casos, a gravidez na adolescência ter se constituído como um fator de proteção por possibilitar à adolescente maior responsabilidade e cuidado com o bebê.

Compreendendo a história de vida de pessoas que sofreram violência na infância e não a repetem com seus filhos, é possível analisar alguns fatores que contribuíram para o rompimento da violência transgeracional. Apontaram-se diversos fatores de proteção que parecem ter propiciado o rompimento do ciclo de violência familiar. Dentre eles, um primeiro fator de proteção é a existência de pessoas importantes na vida das participantes, ou seja, modelos de identificação que permitiram dar novos sentidos para as experiências vividas. No caso de Bruna, percebeu-se o quanto foi fundamental o papel que sua ex-patroa desempenhou em sua vida. O cuidado e a singularidade que a ex-patroa demonstrava por sua filha permitiram que Bruna tivesse um modelo de identificação saudável para educar seus filhos. Já Amanda teve como referência uma tia que lhe possibilitou querer dar aos filhos uma educação diferente daquela que recebera de seus pais. Igualmente, vê-se a importância do marido e de padrões na vida de Cláudia que, não querendo seguir o exemplo de sua mãe, aprendeu a cuidar e educar seu filho a partir desses outros modelos e do esforço que fez para fazer diferente.

No estudo realizado por De Antoni et al (2007) com famílias que tinham um histórico de violência física foram identificadas três categorias de indicadores de proteção: rede de apoio social e afetivo, valorização de conquistas e desejo de mudança. De acordo com as autoras, a rede de apoio social diz respeito às pessoas ou às instituições das quais receberam apoio. Nos casos apresentados neste estudo percebeu-se a importância da rede de apoio para as participantes. O desejo de mudança, outro fator de proteção apontado no estudo de De Antoni et al (2007), também é identificado neste estudo e diz respeito às expectativas futuras das vítimas de se dedicarem a construir vínculos diferentes daqueles vivenciados em sua família de origem.

Outro fator de proteção identificado na história de vida de uma das participantes foi a psicoterapia individual. Bruna relata que a psicoterapia contribuiu para que

compreendesse melhor os traumas vividos. Na fala de Bruna percebe-se que a psicoterapia colaborou para que ela desse um novo significado a suas experiências e pudesse pensar na forma como gostaria de educar seus filhos. De acordo com Ceconello et al (2003), um dos fatores que contribui para o rompimento da violência em famílias nas quais os pais sofreram maus-tratos na infância é a participação em psicoterapia ou em grupos de autoajuda.

Em relação à maternagem, também um fator de proteção apontado, duas participantes relataram ter sido mães muito precocemente e acreditam ter amadurecido mais rapidamente em função da gravidez e do cuidado com os filhos. No contexto de violência, percebe-se que a maternagem pode ser um fator de proteção no momento em que possibilita à mulher cuidar, maternar. De acordo com Cyrulnik (2005), pessoas expostas a situações de violência tendem a casar cedo, formar um casal estável e tornar-se pais precocemente. Essa responsabilidade dá a oportunidade de se tornar responsável por uma criança, e este pode ser um importante tutor de resiliência. É evidente que a parentalidade adolescente pode trazer uma série de riscos para o desenvolvimento infantil, mas, nesse caso, o adultismo precoce, segundo o autor, possibilita às pessoas a oportunidade de dar, de cuidar, o que pode se caracterizar como tutor de resiliência.

Apontam-se ainda como importante fator de proteção as características pessoais das participantes. As participantes relatam que a vontade de não querer repetir o comportamento parental contribuiu para que dessem a seus filhos uma educação diferente daquela que receberam de seus pais.

Sendo assim, os resultados do presente estudo indicam que podem ser considerados fatores que favoreceram o rompimento do ciclo da violência: 1) a existência de modelos de identificação saudáveis na rede de apoio social, que se refere ao contato com pessoas significativas que possibilitaram aprendizados diferenciados; 2) maternagem, no sentido de possibilitar a experiência de cuidado, de aquisição de responsabilidades e de trocas afetivas; 3) processo terapêutico como forma de ressignificação das experiências vivenciadas e 4) características individuais como flexibilidade, desejo de mudança e força de vontade, que foram encorajadoras no enfrentamento dos desafios.

Os possíveis tutores de resiliência devem ser considerados em futuras intervenções psicológicas com vítimas de violência intrafamiliar, para que as experiências de violência vivenciadas na família de origem não sejam deterministas de um destino infeliz, mas se constituam em uma bagagem de experiências que possam ser ressignificadas de forma a contribuir com o crescimento pessoal do sujeito.

## BIBLIOGRAFÍA

De Antoni, C.; Barone, L. & Koller, S. H. (2007). Indicadores de risco e de proteção em famílias fisicamente abusivas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 23(2), 125-132.

Bardin, L. (1977). *A análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.

Cecconello, A.; De Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.

Cyrułnik, B. (2005). *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes.

Falcke, D. (2006). Filho de peixe, peixinho é: a importância das experiências na família de origem. *Colóquio*, 3(2), 83-97.

Mendlowicz, M; Figueira, I. (2007). Transmissão intergeracional da violência familiar: o papel do estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29, 88-89.

Sapienza, G.; Pedromonico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 209-216.

Silva, M. R. S.; Lacharité, C.; Silva, P. A.; Lunardi, V. L. & Lunardi Filho, W. D. (2009). Processos que sustentam a resiliência familiar: um estudo de caso. *Texto Contexto - Enfermagem*, 18(1), 92-99.

Wagner, A. e cols. (2002). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes.

Wareham, J., Boots, D. & Chavez, J. (2009). A test of social learning and intergenerational transmission among batterers. *Journal of Criminal Justice*, 37, 163-173.

Weber, L.N. D.; Selig, G. A.; Bernardi, M. G. & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 16(35), 407-414.